

PREÂMBULO

EDUCAÇÃO INFANTIL: O PODER DA ESCRITA E DAS PALAVRAS

“Nada parece substituir o aprendizado com a escrita à mão”, eis a conclusão da Dr^a Karin James, neurocientista da Universidade de Bloomington (EUA), após estudar a importância (da escrita à mão), correlacionando-a com crianças que apenas manuseiam teclas de computador.

Através de exames de ressonância magnética, realizados antes e depois do treinamento (medindo-se o consumo de oxigênio no cérebro), os cientistas, comparando os dois grupos de crianças, comprovaram que o cérebro responde de forma ativada, “ligado” no mesmo padrão de crianças alfabetizadas, quando se aprende copiando as letras à mão. Dessa forma, o cérebro se “prepara”, processando/facilitando o aprendizado da leitura e demais habilidades motoras e o desenvolvimento cognitivo.

“A ausência da escrita à mão pode prejudicar o desenvolvimento cerebral das crianças”, sugere a pesquisadora. “O uso e atividades com papel, lápis – a tradicional caligrafia – ainda são fundamentais ao aprendizado” complementa.

x

Outra pesquisa desenvolvida por pesquisadores das Universidades de Rice e Columbia alerta para a necessidade, a importância e o poder das palavras – músicas, versinhos, canções de ninar, livros de histórias, conversa fiada, papos cotidianos – que os pais devem entabular diretamente, de forma amorosa, alongada com as crianças (filhos).

Exemplos: “Vamos vestir o pijama. Que pijaminho macio. Qual a cor do pijama? Olhe só os bichinhos do pijama. Que bichinhos são estes? Patinho! E como o patinho faz? Quá-quá-quá...”

Segundo os estudiosos, esse aparente “blábláblá” não é nenhuma bobagem. Ele constrói a inteligência das crianças e não pode ser substituído por palavras aleatórias que vêm do rádio, televisão, celular etc. Crianças oriundas de lares onde os pais têm instrução limitada ou com baixo índice de comunicação, sofrem maiores danos quanto ao desempenho escolar, à dificuldade de ler, são mais propensas à evasão escolar e incapazes/limitadas ao se preparar para uma carreira profissional.

AO PÉ DA FOGUEIRA

A RACHA

Dona Inelda não andava bem de saúde por aqueles dias. Aliás, na verdade, adentada há mais de quinzena. Uma tosse renitente, brônquios opressos, calafrios pelo corpo, obrigando-a a forçado repouso. Tentava se movimentar, tanto serviço na fazenda, por aquelas bandas da chapada: cozinha, lavação de roupa pesada de roça do marido e filhos solteiros, galináceos pelo terreiro para serem tratados, tacho de sabão decoada passando da hora, arroz a ser pilado quase mofando no monjolo, feijão para escolher e ela, insofrida, naquela perrengue, naquela lerdeza, desalento...

Uma ida à cidade para uma consulta com o médico de então, Dr. Alberto Teixeira ou a compra de medicamentos na Farmácia do Dr. Henrique Pereira, somente em caso último, tema praticamente proibido: marido seguro, desconversador, agiota conhecido, que o dinheiro era para emprestar, e por isso mesmo, ela sequer tocara no assunto... Aliás, tocara de leve, mas os esconjuros e resmungos do marido onzenário quase derrubaram, de vez, a velha casa. Valia-se de chás, tisanas, mingaus caseiros e muita, muita oração, intermináveis novenas, à luz do mortiço candeieiro, a Nossa Senhora, ao padroeiro Senhor São Tiago, São José e outros tantos oragos.

Vizinhos e familiares mais próximos deveras preocupados, que a notícia da enfermidade de Dona Inelda se espalhara pelas redondezas e nada de melhoria, aquela resma, lassidão, seresma de semanas e que poderia se agravar, passar a pneumonia ou coisa pior. Credo em cruz!

A estação não ajudava. Mês de Junho gelado, bastante geada queimando os pastos, encarangando animais e árvores, ventos frios de entranhar a carne e a alma. Também – e muito pior – não ajudava em nada a sede da fazendola. Um pardieiro. Paredes esburacadas, portais empenados, até telhados cediços e arriados, forros carcomidos, frestas e frinças por todos os lados. O vento, de cima em baixo, fazendo das suas traquinagens, deitando e rolando, dentro e fora da casa.

Dona Inelda, obviamente, não passava bem as noites, o mal estar se complicando

Há casos comprovados de grande desvantagem (déficit de palavras) para crianças, ao entrarem para a escola, oriundas de lares desestruturados, de pais sem tempo ou disponibilidade para dar atenção aos filhos. Vejamos um menino no primeiro dia no jardim da infância. A professora diz à turma: - Vão até a estante, peguem um livro, levem para a carteira”. O menino em casa jamais pegou um livro. Não sabe usá-lo, virar páginas. Não terá ou verá ele prazer na atividade proposta. Começa assim a ser prejudicado desde o primeiro dia na escola.

Ante fatos dessa natureza, o Governo Federal americano passou a desenvolver projetos como “Head Start” (Bom Começo) para ajudar crianças com interação verbal abaixo do padrão nacional, indo as professoras e especialistas inclusive até às residências das crianças defasadas. Além do treino com palavras – versos, músicas, livros ilustrados – os especialistas em alfabetização e enriquecimento precoce da linguagem, em conjunto com pais, trabalham com diversões (quebra cabeças, brinquedos e atividades tais como mostrar à criança a separação de roupa suja; de dar nomes, cores e formas às frutas, verduras que os pais adquirem no supermercado etc.).

Outro programa americano similar é o RIT – Response to Intervention (“Resposta à intervenção”, em português) que presta assistência específica às crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, em que são oferecidas oportunidades para todos os educandos, respeitadas as diferenças e ritmos de cada um. Os colégios observam mecanismos psicodidáticos que auxiliem o aluno a absorver melhor os conteúdos e com isso superam-se deficiências, aprimoram-se qualidades, combatem-se o bullying e outras formas perversamente alienatórias e discriminatórias.

Os pais devem obrigatoriamente ler e inventar histórias, brincar com os filhos, trabalhar ilustrações (ex. nomes de bichos, tamanhos, cores) O objetivo é enriquecer o vocabulário, estimulando o conhecimento e a socialização das crianças. Fundamental, enfim, a importância do convívio familiar, da participação dos pais desde a infância; o estímulo à leitura, seja pelos pais, seja pelas próprias crianças desde a mais tenra idade, levando à aquisição da linguagem, o desenvolvimento da comunicação oral e escrita – e revisão da atitude egoística, por vezes paranoica atual do uso de smartphones, tablets, que bloqueiam a comunicação familiar e social.



pela madrugada. Principalmente a última delas. A porta do quarto igualmente puída, cheia de gretas e buracos, tábuas corroídas, por onde o vento e o frio, penetravam à vontade.

Anselmo, um dos filhos, ao buscar, manhã enregelada, as reses para ordenha, passou primeiramente pelo quarto da mãe e esta queixou-se muitíssimo do vento da madrugada, atravessando as rachaduras da velha porta. Sentia-se bem pior, afirmou. E mesmo debaixo de espessas cobertas de lã, a enferma tiritava, arfava, sob o efeito do vento sibilante, invasor que chegava até o quarto e ao leito, atravessando as gretas da porta esburacada. No caminho, em direção ao pasto, o filho encontrou-se com um vizinho:

- E sua mãe, Anselmo, como está?! Tem melhorado?! Passou bem a noite?!

- Passou bem, não... Ela tomou vento – e dos grossos – noite toda, na racha!...

ADIVINHAS

Jamais fui, sempre serei
Ninguém me viu e nem verá
Perto do acaso, longe da aurora, viverei
Até o próprio tempo findar
Quem sou eu?

Respostas: o amanhã

Provérbios e Adágios

- Ganha graxa a primeira mola que range
 - O mandar não quer par
- O amor e o reino não querem parceiros
 - O castigo tarda mas não falta
- * Dois proveitos não cabem em um saco só

Para refletir:

• Transformar a incerteza em um ingrediente essencial da própria experiência. Na disponibilidade para aceitar a incerteza, as soluções emergirão espontaneamente do próprio problema, da própria confusão, da desordem, do caos. Quanto mais incertas forem as coisas, mais seguro deverá se sentir, porque a incerteza é o caminho da liberdade” (Deepak Chopra)

• Quando o amor acenar, siga-o, ainda que por caminhos ásperos e íngremes. Debulha-o até deixá-lo nu; transforma-o, livrando-o de sua palha. Tritura-o até torná-lo branco, amassa-o até deixá-lo macio e, então, o submeta ao fogo, para que se transforme em pão para alimentar o corpo e o coração” (Khalil Gibran)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

MATÉRIA ‘O CIRCO’

(publicada em nosso Boletim nº XC, Março/2015)

Segundo nos informou o Sr. Marcos de Oliveira Reis, o Circo Portugal em suas primeiras apresentações em São Tiago, atraía público reduzido. O proprietário pensava em desmontá-lo, transferindo-o para outra cidade da região. Vicente Mendes e Zé Masceninha, experientes e hábeis empresários, procuram então o dono e acabaram alugando o circo pelo período em que estivesse na cidade. Fizeram bastante propaganda, os espetáculos encheram de assistentes e os dois, com isso, ganharam bom dinheiro.

Segundo ainda o Sr. Marcos Reis, durante o período em que ele prestou serviço militar no 11º Regimento de Infantaria em S. João del Rei, um de seus colegas de farda, de nome Gonçalves, fora membro (artista) do circo. Certo dia, o batalhão participou de um show de hipnotismo. Dezenas de moços ali reunidos no amplo recinto. O magnetizador ia dando ordens: - Durma! E um a um, os soldados entraram em sono profundo. Menos o Gonçalves. Por mais o hipnotizador insistisse, Gonçalves permanecia incólume, olhos bem abertos, fato que estarreceu o hipnotizador. O homem passou, então, a outros truques e ordens: - Dancem! Todos começavam a dançar automática, freneticamente. E assim, a cada ordem do encantador, para gritar, assoviar, se esconder da chuva ou de um incêndio, todos caíam em transe, obediência cega. Menos o Gonçalves. É que ele, Gonçalves, como artista de circo, conhecia todos os truques e artifícios utilizados pelo prestidigitador, conseguindo se safar de seus sortilégios...

WANTUIL CARDOSO

Movia-se o Sr. Wantuil Cardoso, ao volante de seu tradicional fusca, quando, à altura da Loja MAP, é abordado por um policial que lhe solicita a documentação do carro e carteira de habilitação. Documentos do carro ali no porta luvas, de pronto entregue ao policial. A habilitação ficou em casa, esclarece o motorista.

Sr. Wantuil apreciava carros e outros veículos. Entendido no assunto, inclusive na parte mecânica. Trabalhara ele, aí pelas décadas de 1930, 1940 na Companhia de Bondes Elétricos de Belo Horizonte, sendo inclusive motorneiro e ainda motorista por uns 15 anos, inclusive com atuação na linha Bonfim/Arrudas. Provavelmente, nos anos de trabalho na Capital mineira, aí tenha Wantuil sido atraído e convivido com grupos esotéricos, assunto do qual era expert. Era ele um homem bem vivido, de bem com a vida, convincente, vibrante, tenta argumentar – e longamente - com o guarda.

O fusca fica, porém, retido; enquanto isso, Wantuil vai até sua residência, nas proximidades do Estádio do Tupinambás e de lá retorna com um calhamaço, papéis às pampas, de onde retira carteira profissional, habilitação de motorista e tantos outros. Mas, carteira no modelo antigo, um cartapácio, volume enorme, documento raro que o jovem policial jamais vira ou ouvira falar. Documento desatualizado, em resumo. Wantuil tenta convencer o guarda do valor profissional, histórico e mesmo sentimental de sua habilitação, até que é liberado, sem antes, contudo, o policial orientá-lo a atualizar/renovar seu documento.

(Sobre o sr. Wantuil Cardoso, marcante personalidade da história local, ver matéria em nosso boletim nº XC, Março/2015)

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



SÃO TIAGO PREPARA COMEMORAÇÕES PARA CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO MONSENHOR ELÓI (1915-2015)

O ano de 2015, marcará em novembro uma data muito importante para os são-tiaguenses, o centenário do nascimento do saudoso Monsenhor Francisco Elói de Oliveira, ex-capelão da FEB, professor e grande entusiasta da comunidade onde nasceu e foi pároco por mais de 50 anos. Instituições do município estarão organizando eventos para o segundo semestre, a fim de prestar homenagens póstumas a este vulto tão importante da história local.

“O Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago tem como missão maior preservar a história e a memória da cidade e de seus grandes filhos, das pessoas que fizeram a nossa história. Neste momento é oportuno lembrarmos a figura, da pessoa, do sacerdote, do educador, do cristão e do grande são-tiaguense que foi Monsenhor Elói. Em 19 de novembro deste ano, ele completaria 100 anos do seu nascimento. Então estaremos, portanto, em novembro, celebrando esta data tão importante para São Tiago com um Sarau que acontecerá no Forno da Praça, no dia 21 de novembro. Neste evento o IHGST estará expressando a sua homenagem através de biografia, canções, relatos da vida do ex-pároco e a exi-

bição de um vídeo-documentário contando toda a sua trajetória em São Tiago”, explica Cairu, membro do IHGST.

Pe. Robson Cardoso, pároco de São Tiago, comenta sobre as atividades que serão realizadas pela paróquia. “É um momento muito significativo para a comunidade são-tiaguense celebrar o centenário de nascimento do Monsenhor Elói que, na verdade, foi grande pastor para a nossa Igreja de São Tiago. Estamos preparando algumas homenagens, dentre elas, uma será surpresa. Já agendamos uma celebração que será presidida pelo senhor Bispo diocesano no mês da data aniversária. Vamos, com certeza, preparar uma grande festa em homenagem ao nosso querido e saudoso Monsenhor Elói”, comenta Pe. Robson.

Para os que desejarem conhecer mais sobre a história do ex-pároco, poderão adquirir o livro, “Monsenhor Elói uma História de Fé e de Obras”, do autor são-tiaguense, Marcus Santiago, na sede do IHGST/Memorial Santiaguense.

Assessoria de Comunicação IHGST

PROJETOS AMBIENTAIS

A INADIÁVEL RECUPERAÇÃO DE NASCENTES

O prestigiado “Jornal das Lages” em sua edição de nº 142, Fevereiro de 2015, 1ª pág., anuncia: “Projeto ReNascente pretende recuperar nascentes na área urbana de Resende Costa”. Notícia e iniciativa sobremaneira auspiciosas que esperamos se concretizem, pois em momentos de alarmante escassez de água (crise hídrica), torna-se imprescindível a revitalização de mananciais, os conhecidos “olhos d’água”, a começar pelos que se acham na área periférica e entorno urbanos. Além do mais, é um investimento de alto significado cultural-memorialístico, pois as nascentes urbanas são um patrimônio histórico e ambiental das cidades de nossa região, praticamente todas tricentenárias e que serviam, no passado, para abastecimento urbano, como lavanderias, lazer etc.

Todos devemos estar envolvidos com a preservação do meio ambiente, o que inclui no caso das nascentes: mapeamento, cercamento, arborização, limpeza, conservação e cuidados permanentes. Questão de sobrevivência. Uma ou duas perguntas, com relação a São Tiago: 1. Estarão todas as nascentes urbanas devidamente mapeadas/cadastradas? Estão sinalizadas (placas de identificação)? E as nascentes que formam o Rio Sujo, manancial abastecedor da cidade – como se acham em termos de preservação, catalogação, mapeamento etc.? 2. Quem fiscaliza, afinal, o patrimônio aquífero da cidade? 3. E as fontes, minas e chafarizes de nossa cidade – quando, enfim, teremos uma administração pública sensível e disposta a urbanizar/recuperar tais espaços, que são símbolos de nossa história e que incorporados à paisagem urbana, se tornariam pontos de lazer e cultura (sabemos que para o Poder Público que dispõe de maquinários e pessoal, seriam investimentos de custo módico, porém de enorme repercussão ambiental e cultural)?! Alô, autoridades executivas e legislativas, Copasa, Ministério Público, sociedade civil...

Faz-se indispensável um trabalho de conscientização e envolvimento da população, a principiar pelo lar, escolas, empresas, campanhas educativas de seleção, coleta e reciclagem de lixo (eliminar-se o péssimo hábito de atirar lixo às ruas, em lotes, nascentes,



Projeto ReNascente pretende recuperar nascentes na área urbana de Resende Costa

beira das estradas, com altos riscos à saúde pública); o controle de águas paradas e de esgotos que provocam a infestação de transmissores da dengue, chikungunya.

Temos que entender que as reservas ambientais, mananciais são indispensáveis à nossa existência; que locais e sítios naturais preservados melhoram a qualidade de vida dos moradores, além de servirem de áreas de lazer sadio; que a arborização é essencial à existência humana e dos ecossistemas, pois as árvores dão sustentabilidade e permeabilidade ao ecossistema, com a retenção/permanência da água no solo, aquilo que os especialistas denominam “preservação das áreas de recarga”, evitando que enxurradas levem detritos, assoreamentos aos cursos d’água – o que só é possível com a devida cobertura florestal nativa.

O MOINHO D'ÁGUA

FOTOS INTERNET/DIVULGAÇÃO

Engenho dos mais antigos utilizados pelo homem, o moinho d'água ou azenha, é uma estrutura ou mecanismo que aproveita a energia potencial e cinética da movimentação de águas, permitindo moer grãos, irrigar plantações, até mesmo produzir eletricidade a partir da adaptação de geradores elétricos.

A passagem da água faz mover rodízios de madeira que estão ligados a uma mó (pedra redonda e pesada). A mó, por sua vez, mói o cereal (milho, trigo, cevada, aveia etc.) transformando-o em farinha. Os moinhos eram/são também movidos por cursos d'água acumulados em reservatórios (também conhecidos como albufeira ou represa). Ou ainda por açudes e diques mediante o desvio do curso natural de um rio, através de regos ou sanjas, (até o moinho).

Muitas das antigas corredeiras e quedas d'água – onde no passado eram instalados os moinhos – hoje são usadas para produzir energia elétrica. A transformação da energia contida nos cursos d'água em energia aproveitável pode ser feita por uma roda ou turbina. Ao se abrirem as comportas da barragem, a água retida passa pelas lâminas da roda ou turbina, fazendo-a girar, utilizando-se da força motriz da água; com o movimento de rotação da turbina, o processo se repete, ou seja, o gerador ligado à turbina transforma a energia mecânica em eletricidade – eis o que acontece na maioria das barragens.

Um pouco de história – Há referências ao moinho d'água desde o séc. II a.C na Ilicia (Ásia Menor), Pérsia e ainda na Roma antiga. No séc. IX d.c, o moinho hidráulico já estava difundido no Ocidente, tendo o seu uso se expandido sobretudo entre os séculos XI e XIV, utilizado para fins artesanais e industriais, em especial na moagem de grãos.

Dominando inteiramente a complexa tecnologia da construção dos moinhos d'água, os europeus voltaram a atenção para o aproveitamento da energia eólica e já, por volta de 1170, surgiram os primeiros moinhos de vento, em particular em países ou regiões de terras planas como a Holanda e Normandia. Em fins do séc. XII, os moinhos de vento passaram a ser confeccionados com ferro – e não mais madeira – e adaptados, além da moagem de grãos, para movimentar serras, fabricar tecidos, espremer óleos, fazer cerveja, dar força às forjas, esmagar polpas para se fazer papel, etc. Havia o hábito, na Alta Idade Média, por influência religiosa, toda a construção de um moinho era sob a atribuição ou invocação de um santo.

Os moinhos d'água ou eólicos pertenciam aos senhores feudais e só liberado para uso de camponeses, mediante o pagamento de taxas extorsivas, as chamadas “banalidades” ou “redevances”. Leprosos e doentes eram expressamente proibidos de frequentar os moinhos, devido ao medo de contágio pela população. Passaram, certa época, os moinhos a serem locais de encontros de prostituição, conhecidos como “taberna banal”.

Os moinhos d'água foram introduzidos no Brasil pelos colonizadores portugueses, cabendo aos tropeiros espalharem, a partir do séc. XVIII, por todo o interior do vasto País, o hábito da moagem do milho e a produção do fubá. Daí a tradição mineira e o hábito arraigado do consumo do angu e suas variedades (polenta, broa, curau, quitutes, cuscuz etc.) confeccionados com o fubá de moinho d'água e, ainda hoje, um dos pontos altos da culinária montanhesa.

Praticamente, todas as médias e grandes fazendas de nossa região tinham, no passado - algumas até os dias presentes - o seu moinho instalado. Questão de necessidade e também de status. O beneficiamento do milho, colhido à farta, pelo uso da mão de obra escrava e depois por colonos e meeiros, era imprescindível para a produção de fubá e subprodutos (cardápio doméstico) e também para o sustento dos animais (gado, porcos, aves etc.) Uma das



maiores atividades econômicas, fonte de renda básica de então era a engorda de suínos e para o que o fubá grosso, a raspa eram fundamentais. Pessoas das redondezas, ribeirinhas e mesmo das cidades dependiam dos moinhos das fazendas próximas para a moagem do milho e obtenção do fubá. Para tal, como nos tempos medievais, pagavam uma taxa ou “talha”, geralmente uma parte da produção por eles trazida e retida pelo proprietário, a título de uso do moinho.⁽¹⁾

A construção de um moinho exigia técnicas esmeradas por parte de oficiais, seja na área de alvenaria, seja na elaboração das várias peças em madeira e pedra que compunham o engenho. A confecção da mó (pedra do moinho) envolvia requintado e engenhoso trabalho artístico-artesanal por parte do oficial escultor desde a escolha da pedra na pedreira até sua elaboração e acabamento. Uma arte que praticamente desapareceu em nossos dias.

NOTAS

(1) – Conta-se que certo poderoso fazendeiro da região, cujo moinho d'água de grande porte, servia a toda a redondeza, ao ser questionado por uma senhora quanto à quantidade de milho retida pelo proprietário (uma terça ou quarta parte, ao que parece) que levava para moagem, sentindo-se assim lesada, (o dono) foi até o moinho, fechando-o a chave, lacrando-o e jamais atendeu a moagem de terceiros.



OBRIGAÇÕES DOS SERVOS NA IDADE MÉDIA

Inúmeras e escorchantes eram as obrigações dos servos na Idade Média, que arrendavam terras dos senhores feudais, numa relação denominada “manso servil” ou “tenência”. Dentre tantas obrigações e taxas, pode-se destacar:

- **Corvéia** – era a prestação de serviços gratuitos nas terras do senhor feudal, como limpeza e reparos de celeiros e moinhos, drenagem de fossos e taludes etc.

- **Talha** – entrega de parte da produção (colheita), geralmente a metade, ao senhor feudal, bem como de rebanhos e outras criações dos servos (porcos, ovelhas, aves etc.)

- **Banalidades** (ou redevances) – eram taxas pagas em dinheiro ou produtos pelo uso de instalações e equipamentos de propriedade do senhor feudal, como moinhos, fornos, celeiro, destilaria, pontes etc.

Luchaine, em sua obra “A sociedade francesa nos tempos de Felipe Augusto” menciona que os servos, além de pagarem taxas extorsivas ao senhor pelo uso dos fornos e moinhos, eram igualmente achacados pelos moleiros, forneiros que exigiam “propina”, pois do contrário o pão era entregue malcozido, o trigo devolvido como imprestável, etc.

- **Mão morta** – taxa que o servo tinha que pagar ao senhor feudal para permanecer nos domínios do feudo, quando o pai morria

- **Albergagem** – obrigação do servo em hospedar o senhor feudal, caso necessário

- **Capitação ou censo** – taxa paga pelo servo para cada membro da família dentro do feudo, a partir do nascimento. Essa taxa, segundo alguns autores, estendia-se também aos vilões (pessoas livres, moradores das vilas) sob alguma modalidade de jurisdição do feudo

- **Formariage ou casamento** – taxa paga quando o servo ou um parente desejasse se casar com uma mulher pertencente a outro feudo

- Além de tudo isso, havia outros exploradores como reis, a Igreja. Os servos eram obrigados a destinar parte da produção, no mínimo de 10%, à Igreja, denominado o “Tostão de Pedro”, enviado ao Vaticano

- **Justiça** – taxa paga para que se fizesse/aplicasse justiça dentro do feudo

Muitas dessas taxas, de forma direta ou indireta, chegaram aos nossos dias. O sistema de meia (ou terça ou quarta) existentes no meio rural, contratados entre proprietários e agricultores; o pagamento de “talha” (parte da produção) para que o agricultor se utilizasse dos moinhos, engenhos, ralos, farinheiras na sede das fazendas, a fim de beneficiar a sua produção (moagem de milho e cana, ralação de mandioca, etc.)

Na legislação judiciária, ainda encontramos regulamentos de antiga origem ou monta, como a Enfiteuse ou Fatusim que é ato pelo qual o proprietário, por contrato ou disposição de sua vontade, delega a outrem o domínio útil de um imóvel (terras não cultivadas, terrenos ociosos destinados a edificação etc.), mediante o pagamento de uma quantia anual certa e invariável denominada “foro”.

Tamanha a criatividade e o absolutismo dos senhores feudais, dos reis e da Igreja em espoliar a população daqueles tempos, em especial lavradores e artesãos, que não podemos admirar da maneira como age o Estado brasileiro dos nossos dias em aplicar aos cidadãos, talvez a maior taxa de impostos do mundo. Nossos técnicos e políticos tem os exemplos e os modelos medievais e coloniais de como “meter a mão” no suor alheio.

PEÇAS COMPONENTES DO MOINHO D'ÁGUA

- **Adufa** - roda ou mó que esmaga o cereal nos moinhos, a azeitona nos lagares etc.

- **Algeroz** – calha que recolhe as águas pluviais do telhado; cornija

- **Atafona** – outro nome dado ao moinho; azenha

- **Azenha** – nome dado ao moinho de roda movido a água; atafona

- **Cal** – cano do moinho

- **Cale** – rego ou calha de madeira por onde corre a água

- **Cangalha** – peça em que descansa a moega da atafona

- **Canoura** – peça de madeira ou latão em forma de tronco ou ícone invertido colocado por cima da mó do moinho e de onde cai o grão a ser moído

- **Cavouco** – o vão em que gira o rodízio do moinho

- **Citola** – taramela do moinho

- **Dorneira** – peça do moinho na qual se lança o milho ou grãos para serem moídos

- **Moega** – bojo ou peça onde se tritura o cereal

- **Moleiro** - dono ou quem trabalha com moenda ou moinho; moenheiro

- **Rodízio** - peça movida pela água e que faz andar a mó

- **Sanja** - rego, valeta, dreno para escoamento de águas

- **Setia** – caixa de madeira com abertura na parte superior e que conduz a água que faz movimentar os moinhos hidráulicos

- **Tarefa** – talha por onde corre a farinha ou fubá moídos

- **Taramela** - peça que regula a velocidade da mó: peça de madeira ou latão que, batendo na mó do moinho, produz o atrito, fazendo cair o grão da canoura; citola.

Miniglossário

ARMELA – anel ou peça metálica por onde se enfia o ferrolho para trancar porta, janela etc.; argola por onde se passa a alça do cadeado

ATILHO – feixe de espigas de milho

BEDELHO – tranqueta ou ferrolho movido (ou que se levanta) por meio de aldrava ou báculo

CHANTEL – peça que forma o fundo de barris, caixões etc.

COTÉ – mó; rebolo

DE MOLAGEM – expressão que significa “viver gratuitamente, às custas alheias”

GRAEIRO – grão de cereal, chumbo etc.

LAMBAIO – vassoura (de embira, aniagem, estopa etc.) usada na limpeza de fornos de padaria, tachos, alguidares dos engenhos etc.

MANDIL – pano grosseiro para rodilhas, esfregões etc.

QUIRERA – canjiquinha de milho grosso ou quebrado

SURURUCA – peneira grossa

ZABURRO – milho vermelho

OCTAVIO LEAL PACHECO

Traços biográficos



Natural de Vargem Grande - Município de Barra do Pirá, Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu em 31 de dezembro de 1891. Foram seus pais Antonio Candido Leal Pacheco, funcionário público federal e Eugenia Carolina Pacheco, ambos de tradicionais famílias fluminenses, com ramificações no Estado de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi batizado na Igreja da Glória do Rio de Janeiro, tendo como padrinhos, o Dr. João Conrado Niemeyer e senhora.

Fez o curso primário e complementar em Mogi das Cruzes, uma das mais cultas cidades do Estado de São Paulo.

Com o falecimento de seu pai e, já com 19 anos, transferiu-se para a antiga capital da República (Rio de Janeiro) onde exerceu função inicial da carreira de escriturário no Ministério da Agricultura (Governo Marechal Hermes) e, mais tarde, conferente da Estrada de Ferro Central do Brasil no Rio de Janeiro, casou-se (primeiras núpcias) com Odete do Espírito Santo Pacheco, sua prima, aderindo-lhe desse matrimônio, 9 filhos, 5 dos quais nascidos em São Tiago.

Foi concessionário para o estabelecimento de linhas de bondes na cidade de Mogi das Cruzes, tendo assinado o respectivo contrato com o governo daquele município paulista, em 28 de maio de 1914 com o apoio de eminentes homens de negócios e da política, dentre eles os saudosos engenheiros: André Gustavo Paulo de Frontin, glória da engenharia brasileira, José Matoso de Sampaio Correa, conde Ernesto de Pereira Carneiro, Dr. Eduardo Reis da Gama Cerqueira, Coronel João Batista dos Santos Cardoso, engenheiro João Tibiriçá Neto, engenheiro militar Sales da Cruz, Dr. José Benevides de Andrade Figueira e outros, diligenciava para organizar uma Empresa destinada a explorar aquele sistema de transporte urbano, quando a grande guerra Europeia, que durou 5 anos e na qual o Brasil tornou parte ativa (1914 a 1918), impossibilitou a concretização da ideia.

Em 1920, nomeado Delegado do Recenseamento em Bom Sucesso, sede da Comarca a que pertencemos, Octavio Leal Pacheco escreveu, em linguagem escurrita e clara, apreciado compêndio, que o grande mineiro Afonso Pena Júnior, patrono no nosso Grupo Escolar e, então Secretário do Interior do Governo Artur Bernardes, determinou fosse impresso na Imprensa Oficial do Estado, compêndio esse que, além do resultado dos trabalhos censitários realizados no município, contém o histórico da fundação da cidade de Bom Sucesso.

Fez jus a medalha de bronze com que foi distinguido pelo Governo da República, bem como aos encômios do Diretor Geral do Recenseamento em Minas Gerais, o ínclito e saudoso Dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas.

Foi promotor de justiça interino da Comarca de Bom Sucesso, 1922 - 1923.

Por intermédio do Dr. Afonso Pena Júnior, Ministro da Justiça, conseguiu que fossem concluídas inteiramente por conta do Estado, a obras do Grupo Escolar "Protássio Guimarães" daquela cidade e, mais tarde, com o Dr. Carlos Coimbra da Luz, Secretário da Viação do Governo Mineiro, os trilhos necessários aos prolongamentos da sua linha de bondes, da Igreja Matriz ao Alto São José.

Transferindo sua residência para São Tiago, em junho de 1924, organizou aqui a "Empresa Força e Luz São Tiaguense", destinada a explorar os serviços de força e luz hidrelétrica em nossa cidade, serviços que, inaugurados em 12 de agosto de 1925, bastaram

a comunhão São Tiaguense até 1963, quando então foram substituídos pelos das "Centrais Elétricas de Minas Gerais" CEMIG.

Idealizou e organizou mais de um grande movimento cívico, a que deu o nome de "Parada do Trabalho", empreendimento esse que teve larga repercussão no Estado; tendo, para tanto, contado com integral apoio de todas as classes laboriosas do município, notadamente da progressista classe operária.

Com as "Paradas do Trabalho", Octavio Leal Pacheco abriu e prolongou ruas, suprimiu becos, colocou meios-fios e construiu sarjetas ao longo de vários logradouros públicos da antiga sede distrital; extinguiu, por completo, antigo cemitério existente em derredor da Igreja Matriz, exumando os cadáveres e trasladando seus restos mortais para o novo cemitério local; demoliu o muro de pedrão que até então circundava o antigo Campo Santo e com o material resultante, construiu o passeio que ainda existe em volta do majestoso Templo Católico desta Cidade.

Reformou a rodovia entre São Tiago e São João del-Rei e construiu grande trecho da que nos liga à cidade e município de Oliveira. Construiu, igualmente, a ponte sobre o Rio Jacaré, entre esta cidade e Morro do Ferro, obra essa julgada pelos contemporâneos da época, de difícil realização e, para alguns deles, até mesmo inexecuível.

Por ocasião das festas de encerramento da última "Parada do Trabalho" e inauguração das obras derivadas, movimento cívico que durou 7 dias, São Tiago recebeu honrosa visita do Coronel Galdino Luiz Esteves, então comandante do 11º Regimento de Infantaria do Exército, sediado em São João del-Rei, que, prestigiando a iniciativa de Octavio Leal Pacheco, se fez acompanhar de oficiais de seu Estado Maior e da excelente corporação musical daquele Regimento. Foi essa a primeira e única vez, em São Tiago, se fez ouvir uma grande Banda Militar (Julho de 1932).

Octavio Leal Pacheco defendeu e obteve a conclusão e pagamento das obras deste nosso Grupo Escolar e, para a sua inauguração e instalação, o que se verificou a 10 de fevereiro de 1927, conseguiu do Dr. Francisco Luiz da Silva Campos, então Secretário da Educação, fosse o respectivo mobiliário fornecido a tempo, pois as solenidades haviam sido programadas em fins de dezembro de 1926, isto é, apenas dois meses antes daquela realização.

Foi, também, neste município, eficiente Inspetor Escolar. Exerceu as funções de Inspetor do Serviço Nacional de Recenseamento 1940-1941 - tendo percorrido grande parte do nosso Estado.

Em Rio Novo, cidade da Zona da Mata fundou o jornal "O Censo", do qual foi atuante diretor, tendo como eficientes colaboradores, o Dr. Silviano Araújo, na qualidade de Redator Chefe e Messias Lopes, na de Diretor Secretário.

Naquela cidade, com o apoio de todas as classes sociais, promoveu solene encerramento dos trabalhos censitários.

As festividades foram abrilhantadas pela Banda Militar do 10º R.I. do Exército, sediada em Juiz de Fora e contaram com a pre-



FOTOS INTERNET/DIVULGAÇÃO

sença das mais altas autoridades do Estado e dos municípios vizinhos, inclusive do Governador Benedito Valadares e General Cristóvão Barcelos, comandante da 4ª Região Militar; o primeiro representado pelo Dr. Pio Pontes, Juiz de Direito da Comarca e o segundo, pelo Coronel Dr. Francisco Rodrigues de Oliveira, Diretor do Hospital Militar da Região; Prefeitos Municipais, representantes de associações de classes, clubes sociais etc. O grande homenageado do dia foi o Dr. Hildebrando Clark, Delegado Regional do Recenseamento em Minas.

Em 1926, na defesa dos reais interesses deste município, então Distrito de Bom Sucesso conseguiu que o então Senador Paulo de Frontin apresentasse e defendesse no Senado da República, projeto de Lei vitorioso em ambas as casas do Congresso Nacional autorizando a incorporação, na Estrada de Ferro Oeste de Minas, de antigo ramal férreo que, partindo da estação de João Pinheiro, hoje Congo Fino, liga naquela estação à fazenda de Cachoeira. Dito projeto determinava fosse o ramal prolongado até São Tiago.

Infelizmente, a revolução de 1930 impossibilitou essa realização.

No Rio de Janeiro, fundou e instalou a “Afiandora”, utilíssima associação destinada a facilitar e garantir a locação de imóveis em geral. Entretanto, tendo o governo federal, em face do plano de Leal Pacheco, legislado sobre a matéria-fiança a “Afiandora” perdeu mais de 80% de sua finalidade, pois o decreto governamental atribuída, obrigatoriamente, aos Institutos de Previdência Social, a exploração da matéria que focalizava.

Em consequência, a “Afiandora” foi dissolvida.

Octávio Leal Pacheco foi, por duas vezes, Prefeito Municipal de São Tiago, eleito para o biênio 1953-1955 e para o quadriênio 1959-1963. Tanto a primeira, como a segunda investidura, desenvolveu, com os poucos recursos do Erário Municipal, atuação ímpar em prol dos interesses da Comunidade São Tiaguense, e até mesmo de todas as comunas brasileiras. Assim é, que além da elaboração do Plano Diretor da cidade, graças à colaboração do D.A.M. (Departamento de Assistência dos Municípios), abriu e prolongou ruas, sendo obrigado a promover desapropriações por utilidade pública; reformou todas as instalações hidrelétricas da cidade, tendo inclusive, construído nova barragem e grande canal no “Rio Sujo”, elevando, assim, o potencial da usina local, que, com novos transformadores, regulador automático, volante etc., pode, até a instalação da CEMIG, atender ao crescimento da cidade e, conseqüentemente, do consumo de energia.

Reformou os serviços de Mercês de Água Limpa abriu novas ruas na sede daquele distrito e melhorou o aspecto da principal via pública ali existente, construiu a rodovia que liga a “Mineração de Estanho São João del-Rei”, 5 quilômetros, nas divisas com o município de Nazaré.

Fez as instalações dos serviços de água no povoado de São Pedro da Carapuça.

Reformou ponte e prédio de escola no povoado “Fundo da Mata”, onde fez instalar serviço de água à sua população. Reformou, igualmente em toda a extensão, as rodovias São Tiago-Mercês de Água Limpa, tendo construído variantes, bueiros e aterros, deixando-as, ao findar-se a sua administração, 31 de janeiro de 1963, em ótimas condições de tráfego.

Quando da primeira vez, esteve à frente dos destinos municipais, compareceu e tomou parte ativa no Congresso Nacional dos municípios realizado em São Lourenço de 15 a 22 de maio de 1954.

Naquela grande assembleia municipalista, como representante de São Tiago, apresentou e defendeu a mais importante tese, qual seja a de nova discriminação de rendas federais com ligeira reforma da Constituição, artigo 15, parágrafo 4º, elevando as quotas atribuídas a todos os municípios do Brasil. A tese apresentada em nome do município de São Tiago sobre ser simpática, era, insofismavelmente oportuna, necessária e, conseqüentemente, justa. Aprovada, teve, também, o mérito de levar a todos os rincões de nossa Pátria, o nome de São Tiago.

Pelo feliz êxito da proposição São Tiaguense, a Assembleia Legislativa do Estado congratulou-se com o nosso município, sua Prefeitura e Câmara de Vereadores.

Octávio Leal Pacheco, que, em segundas núpcias, contraiu casamento com D. Ilza Rosa Pacheco, das mais eficientes e dedicadas educadoras exercendo o magistério neste Grupo Escolar há cerca de 20 anos, residiu entre nós, em permanente atividade em prol dos interesses da Terra.



Poemas de autoria de Octávio Leal Pacheco

(31/12/1891 - 23/05/1975)

Fé

Ó Jesus, doce Filho de Maria,
Da Virgem Santa, Mãe Imaculada
Sem Teu perdão, por certo ao grande nada,
Ao pó da argila o homem tornaria

Toda alma, na aspereza da jornada,
Sem Teu amor, sem luz, sucumbiria
E ao Teu Reino jamais ascenderia
Fatal e eternamente condenada

Mas, se o crente confia no Teu amor,
Na Justiça Divina que não falha,
Remindo a humanidade pela dor,

Aos embates do mal, então, revida,
Faz da Fé seu escudo de batalha
E sorve, estoicamente, o fel da vida.

Último batizado de Frei Orlando

Teu último batizado, Frei Orlando,
Por desígnios de Deus foi feito em terra
Sem pia, sem altar, em plena guerra
Ao trovar de canhões tudo ceifando

O "direito da força", então burlando
As leis universais que o bem encerra
Marchava sobre o mundo que se aterra
Ante o espectro da dor no ar bailando

Correstes para a frente da batalha
E sob o intenso fogo da metralha
Vistes nascer o pequeno; então,

O batismo se fez sublime e belo
Rendeu-se, logo após, "Monte Castelo"
E Orlando Rafael era cristão.

Ante o Salmo 99

Aclamo, a todo instante, o nome do Senhor
E sirvo, com ufania, a sua Santa Lei
Entrando na igreja, exulto, porque sei
Reinar naquele templo o mais sublime amor

Na glória de viver bendigo a própria dor
De vez que ela deflui de Deus que sempre amei,
D'Aquele Deus que é Cristo e eternamente Rei
Do Universo inteiro excelso Criador

A terra, o mar, o céu e a luz resplandecente
E tudo mais que existe a bem da humanidade
São áureas criações do Artífice Onipotente

Tão grande e esplendoroso em sua Majestade
Perdoa o pecador por ser Onisciente
E a suma perfeição do amor e caridade

Tristeza em festa

Aqui o vai e vem de gente lesta
Luzes na praça, fogos e balões
Intensos movimentos nos leilões
Cobriram de esplendor a grande festa
Improvisaram bailes, diversões,
Nada faltou, mas a verdade é esta:
Havia a tristeza manifesta,
Ante a ausência de alguém pelos salões

Angústia

E ela não é minha! Casta e pura,
Amando-a, se por ela fosse amado,
Seria então bem menos desgraçado
Até tombar na paz da sepultura

Ser feliz?... Nunca mais! Que atroz tortura,
Na solidão de um quarto. Desolado,
Eu sinto o coração dilacerado,
Chorando a ausência dessa criatura.

Se é pecado, não sei! Se é destino,
Sigo o meu fado e, ao planger de um sino,
Buscando em minha fé, consolação

Vou rezando seu nome bem baixinho
Como se fosse um triste passarinho
Pipiando nas grades da prisão